

# Inventividade: a nova fronteira

Dois fatores básicos estão arrastando os demais nas presentes dificuldades econômico-financeiras mundiais: a corrida armamentista e a crise energética.

O que Ronald Reagan vai conseguir poupar e reinvestir, será destinado principalmente à indústria bélica, sob argumentos de segurança nacional, com maior efeito multiplicador que despesas com o Estado previdenciário (**Welfare State**). Pretexo mais válido nos estágios iniciais do desenvolvimento industrial — como no Brasil, onde a **Engesa**, **Imbel** e **Embraer** logo se transformam em geradores de exportações — que nos avançados como os Estados Unidos e outras potências há muito diversificadas.

Além do itinerário terminar, na melhor das hipóteses, autofágico, na rápida obsolescência do material bélico, com sua cada vez maior velocidade de reposição contribuindo para a inflação, ou, na pior, simplesmente suicida como insistia W. Averell Harriman em artigo recente mostrando que o mundo se aproxima rapidamente do ponto de não-retorno do confronto global. Enquanto isto, as matrizes têm recursos acumulados.

A crise energética representa o outro pólo da questão.

Durante décadas desperdiçou-se o petróleo como carburante, apesar da sua nobre destinação à petroquímica. Se levarmos em conta que o trânsito de uma descoberta científica para sua aplicação tecnológica dura, em média, mais de vinte anos, compreenderemos como estamos longe da solução do problema, que afeta a todos, por cima das próprias fronteiras ideológicas.

A sorte do Brasil continua a abundância de recursos naturais capazes de serem comprometidos com adiantamentos financeiros estrangeiros para nosso desenvolvimento. Mas o que acontecerá financeiramente com imediatas conseqüências políticas a muitos países menos viáveis economicamente ou de todo inviáveis?

Não é boa, todos sabem, a situação da Polônia, nem da Romênia, segundo acrescentaram recentes notícias internacionais, para só mencionarmos alguns exemplos na área socialista. Dificuldades localizáveis em quase toda parte como uma regra geral. As exceções surgem mais do que raras, luminosas.

O Japão, que se privilegiou de poucos gastos militares durante muito tempo, sente-se, de agora em diante, obrigado a aumentar suas Forças Armadas, embora prossiga enfrentando, com êxito imaginativo, as restrições da crise energética.

E o impacto de elevação dos preços do petróleo recai de volta no Terceiro Mundo, aumentando ainda mais na medida em que se distancia pela periferia. A imensa maioria da América Latina, África e Ásia está assumindo **deficits** insolváveis. O sistema financeiro internacional marcha, a passos largos, para a maior crise da sua

história.

É difícil apelar ao sacrifício na sociedade de consumo.

O jeito consiste mesmo em recorrer à inventividade, organizada em poucos lugares.

No caso brasileiro, a crise das universidades nada tem de animadora.

Ali vai-se perder, ou será ganha, a batalha do desenvolvimento e da democracia em nosso país.

Também se apresentarão perigosamente contagiantes as desestabilizações mais profundas em torno das fronteiras brasileiras. Até agora só a Guiana, ex-inglesa, optou pelo caminho socialista, e pacificamente. Imagine-se o que poderá acontecer se houver uma tal mudança na Bolívia, por exemplo. É muito fácil louvar as experiências socialistas de Angola e Moçambique com o oceano pelo meio...

Uma transformação radical alteraria, durante outras tantas décadas, toda a estrutura não só do Estado quanto da sociedade no Brasil, o que hoje nem os grupos de esquerda parecem desejar, com as precipitadas exceções de sempre.

Como o capital não tem pátria, o Brasil continua sacando contra o futuro porque pode. Ninguém empresta a desesperados.

O que existe, para nós, é uma corrida em que o tempo ainda nos beneficia, porém não para sempre. Entrementes, precisamos tornar autopropulsionado nosso desenvolvimento, pela aceleração do cultivo das nossas capacidades inventivas. Daí a importância da educação.

Mas, consolemo-nos, se algum distúrbio entre os vizinhos não atrapalhar, poderemos começar a sair desta fuga para frente.

O Brasil prossegue uma das últimas fronteiras do capitalismo mundial, um dos derradeiros lugares onde ainda se pode enriquecer rapidamente. Uma Terra da Promissão para o capital internacional.

Não há perigo, a curto prazo, de faltarem recursos externos.

Tende a repetir-se o equilíbrio alcançado no ano corrente nas contas imediatas da balança comercial, mais o contínuo refinanciamento da dívida externa. Desde que isto não nos anime à irresponsabilidade.

Além dos investimentos na hidreletricidade, por exemplo, que vêm se comprovando com tanta previsão, são urgentes outros na educação. Inventividade cultiva-se. Há muito gênio que morre ignorado na sua choupana, dizia Tobias Barreto há quase cem anos.

Não se improvisa criatividade. Ela passou a ser o resultado de trabalho de equipe. As grandes inovações são hoje o produto do esforço de grupos.